

RUBEM BRAGA

## ESCRITORES

**PARECE** que essa nova associação de escritores fundada no Rio (presidente: Peregrino Júnior) está mesmo disposta a não se meter de nenhum jeito em política. A política sempre desuniu os escritores, nunca os uniu; o escritor que quiser fazer política faça dentro de seu partido ou por conta própria; o que pode unir os escritores é a defesa de interesses comuns, interesses da profissão.

Direis que é um pouco cedo para falar de profissão de escritor no Brasil. Não é tanto. Já há pessoas que vivem só de escrever, e um número ainda maior que vive principalmente de escrever — seja livros, seja para jornal, revista, rádio ou televisão, seja fazendo traduções.

Vide esse pobre, o tradutor. Se traduz peça de teatro, está bem, pois uma peça de êxito dá dinheiro muito. Mas isso não é fácil, há um grupo organizado que explora o ramo e há também um senhor esperto em São Paulo que adquire os direitos de tradução na frente para negociar depois. O tradutor de livros é mal pago, e além disso ganha apenas pelo serviço que faz de encomenda. Se o livro tem êxito, o editor vai lançando novas edições à vontade, sem retribuir de modo algum o tradutor, nem com uma taxa mínima de direitos autorais. É justo? Não é. Devia haver uma taxa, ainda que modesta, vamos dizer 5 por cento sobre o preço de capa para o caso de obra estrangeira caída em domínio público, 3 por cento quando não ocorrer isso. Não creio que os editores se oponham a tal coisa, mas a verdade é que até agora, ao que eu saiba, nenhum escritor já pleiteou isso.

Outro mau hábito é não se retribuir o autor que entra em uma antologia. A lei prevê licença prévia do escritor, mas nem a isso os editores dão bola. Vamos supor que os direitos fossem pequenos. Digamos: 5 por cento a serem distribuídos por todos os autores. Já seria alguma coisa.

Outro trabalhador desarmado é o cronista. Você faz crônicas durante cinco anos para uma revista, mas não entra na fôlha de pagamento, recebe a colaboração por semana. Resultado: o gerente sustenta (isso me aconteceu) que v. não tem direito a férias, nem a aviso prévio, nem a indenização nenhuma. Eu resolvi achar graça quando descobri há uns seis meses atrás (eu, que há 26 anos trabalho na imprensa e hoje vivo exclusivamente disso), que não podia entrar para o Sindicato dos Jornalistas.

É claro que a Sociedade dos Escritores deve se entender com o pessoal de associações afins (jornal, teatro, rádio, televisão) para proteger melhor os direitos dos trabalhadores intelectuais. Se essa associação quiser trabalhar sério, tem muito a fazer. Comece a trabalhar, Peregrino, que este seu criado, como qualquer outro, também ajuda.